

# A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA

## THE PSYCHOPEDAGOGUE'S ACTION IN FRONT OF LEARNING DIFFICULTIES: A REFLECTIVE APPROACH

Flávio Ismael Vieira da Silva **1**  
Silvio Nunes da Silva Júnior **2**

**Resumo:** Este trabalho discorre sobre as dificuldades de aprendizagens encontradas no contexto escolar, colocando em discussão as principais funções e atribuições do psicopedagogo diante de problemas que impedem a evolução dos processos de aprendizagem de alguns sujeitos, abordando, ainda, outras questões que muitas vezes não são levadas em consideração por alguns profissionais, mas que têm um papel fundamental no desenvolvimento escolar. Com isso, a discussão proposta pretende contribuir com os atuais debates sobre a amplitude do trabalho do psicopedagogo na necessária atenção dada aos alunos com dificuldades de aprendizagem. Tal empreendimento teórico pode impulsionar o desenvolvimento progressivo de políticas públicas que determinem mais fortemente a atuação efetiva do psicopedagogo em contextos de ensino básico no Brasil.  
**Palavras-chave:** Psicopedagogo. Aprendizagem. Escola. Dificuldades.

**Abstract:** This work discusses the learning difficulties found in the school context, discussing the main functions and attributions of the psychopedagogue in the face of problems that impede the evolution of the learning processes of some subjects, also addressing other issues that often do not they are taken into consideration by some professionals, but they have a fundamental role in school development. With this, the proposed discussion intends to contribute to the current debates about the breadth of the work of the psychopedagogue in the necessary attention given to students with learning difficulties. Such theoretical undertaking can drive the progressive development of public policies that more strongly determine the effective role of the psychopedagogue in basic education contexts in Brazil.  
**Keywords:** Psychopedagogue. Learning. School. Difficulties.

---

Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas **1**  
(UNEAL). Professor efetivo da Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios/AL.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4193595614339709>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4087-3653>.  
E-mail: [flavio\\_ismael2009@hotmail.com](mailto:flavio_ismael2009@hotmail.com)

Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Lin- **2**  
guística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Pro-  
fessor efetivo da Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios/AL. Professor  
substituto da Faculdade de Letras (FALE) da UFAL.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0879864383265157>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1753-399X>.  
E-mail: [junnyornunes@hotmail.com](mailto:junnyornunes@hotmail.com)

## Considerações iniciais

As práticas pedagógicas nas salas de aula do Brasil envolvem elementos que ultrapassam os limites das paredes das escolas. As subjetividades que permeiam as constituições dos alunos como sujeitos que pertencem a contextos sociais distintos trazem para os debates científicos olhares sensíveis de diferentes profissionais acerca dos problemas que surgem de abordagens de ensino, a exemplo das dificuldades de aprendizagem, que chamam as atuações de outros profissionais que lidam, além da questão pedagógica, com abordagens clínicas capazes de condensar perspectivas inovadoras e propícias ao tratamento eficaz das principais problemáticas. Nessa linha de pensamento, tem sido grande a necessidade de estabelecer discussões sobre a atuação do psicopedagogo na escola frente aos desafios apresentados cotidianamente.

O referido trabalho é uma revisão bibliográfica realizada com o intuito relacionar as principais vozes que versam sobre as dificuldades de aprendizagem apresentadas por alunos em idade escolar com as situações enfrentadas cotidianamente por profissionais da psicopedagogia. Nessa perspectiva, o objetivo geral é analisar as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelo psicopedagogo no contexto escolar e, mais especificamente, discutir a atuação do psicopedagogo frente aos problemas encontrados em instituições escolares, explicar, através de referenciais teóricos, como funcionam as intervenções psicopedagógicas, e debater as principais dificuldades encontradas nas escolas brasileiras.

Para efetuar a construção do referido trabalho, foi feita uma busca acerca de estudos sobre psicopedagogia na educação, tendo o intuito de oferecer suporte durante toda a pesquisa que tem cunho bibliográfico. Dessa forma, permitiu-se conhecer, por meio das vozes de variados teóricos, os dilemas da atuação do psicopedagogo clínico e institucional. De modo bastante amplo, a discussão aqui proposta pretende contribuir para que discussões científicas possam ampliar os olhares para o trabalho do psicopedagogo na educação brasileira, uma vez que a “Psicopedagogia é uma área de estudo que tem como objetivo a aprendizagem humana, que em sua natureza sistemática é ação social, cognitiva e emocional” (UJIE, 2016, p.13).

Para dar conta dessas questões, o artigo está estruturado, além das considerações iniciais e finais, em tópicos como: breve histórico da psicopedagogia, papel do psicopedagogo e um olhar para as escolas brasileiras.

## Breve histórico da psicopedagogia

De acordo com Santos (2009), a psicopedagogia se inicia no Brasil durante meados da década de 1970, quando ficou evidente que alguns problemas de aprendizagem não eram de fatores orgânicos, mas, sim, de aspectos que causam disfunções neurológicas. Ainda na mesma década, pais e professores adotaram uma maneira bastante precoce de detectar essas disfunções. Por essa razão, alguns problemas simples poderiam se tornar muito mais sérios devido à falta de diagnóstico médico. Nesse mesmo período, começaram a surgir os primeiros cursos de especialização em psicopedagogia para professores e psicólogos no Brasil, os quais tinham o intuito de contribuir para o fechamento de brechas encontradas no tratamento das dificuldades de aprendizagem nos contextos escolares. Sobre isso, Santos (2009, p. 16) afirma que:

No ano de 1970 iniciaram os cursos de formação de especialistas em psicopedagogia na Clínica Médico – Pedagógica de Porto Alegre com duração também de dois anos. Em seguida foi desenvolvido o FACED com nível de especialização, pelo coordenador Nilo Fichtner, o curso enfatizava duas especializações: uma era a área de deficiências específicas da aprendizagem e a outra era a área dos excepcionais (deficiência menta, auditiva e visual).

Na década de 1980, começou a surgir uma nova ideia acerca dos problemas de aprendizagem. A partir daí, tais dificuldades começaram a ser chamadas de problemas de ensinagem. Ensinagem, termo não muito comum. Essa denominação diz respeito à relação indissociável

entre ensino e aprendizagem, de qualquer que seja o componente curricular, em especial nas realidades encontradas na educação básica, que, por muitos anos, esteve preza a abordagens tradicionalistas que apagavam o papel ativo e dinâmico do aluno. Essa inadequada realidade levava os alunos para situações críticas no que diz respeito a sua implicação na escola. Assim, alunos que aprendiam menos eram taxados de menos inteligentes, gerando, sobretudo, preconceito por parte de outros alunos. A atuação do psicopedagogo nessas situações começou a ser fundamental para, inclusive, a permanência dos alunos nas escolas.

Os anos de 1980 ficaram marcados por conta dos encontros e seminários realizados que discutiam e debatiam os avanços e os impasses encontrados até o momento na psicopedagogia em território nacional. Um desses encontros ficou marcado pela fundação do grupo Livre de Estudos em Psicopedagogia, que depois passou a ser chamado de Associação de Psicopedagogos, em que se tinha o objetivo de abrir espaços de discussão mensalmente (SANTOS, 2009). Na mesma década, dois movimentos distintos aconteciam de forma paralela: um deles estava disposto a compreender de forma efetiva o fracasso escolar e o outro estava direcionado apenas para que a soluções de alguns problemas ocorressem através de clínicas especializadas (RUBINTEIN; CASTANHO; NOFFS, 2004).

Durante a década de 1990, foi intensificada a oferta de cursos de pós-graduação na modalidade *lato sensu* e ocorreu grande mobilização dentre os educadores da época para conseguir realizar a divulgação de pesquisas em encontros mensais e congressos educacionais acadêmicos. A esse respeito, Rubintein, Castanho e Noffs (2004) entendem que

Essa expansão levou a Psicopedagogia a ampliar seus horizontes teóricos, o que nos permite afirmar que hoje, em alguns setores, os rumos da Psicopedagogia caminham para a visão transdisciplinar. Esta visão nos permite compreender a aprendizagem e o sujeito da aprendizagem a partir das contradições e dos conflitos presentes no processo. Nesta visão não há como pensar no controle absoluto dos conflitos. O paradigma da incerteza nos convoca a repensar dinamicamente as intervenções (RUBINTEIN; CASTANHO; NOFFS, 2004, p. 231).

A partir dos anos 2000, algumas medidas foram tomadas para que houvesse a regulamentação de leis que autorizavam a atuação dos psicopedagogos em instituições escolares de ensino básico no estado de São Paulo. Logo em seguida, essa medida se espalhou por todo o território nacional. Os mesmos autores inferem que,

Ao nível Estadual, mais precisamente em São Paulo, foi aprovado em 4/9/2001 o Projeto de Lei nº 128/2000 de autoria do Deputado Claury Santos Alves da Silva, que estabelece assistência psicológica e psicopedagógica em todas as instituições de ensino básico. Temos notícias que em vários estados brasileiros esta iniciativa também está ocorrendo, porém até onde sabemos ainda não há projetos legalmente aprovados e sim iniciativas individuais de psicopedagogos junto a Prefeitos e Secretários de Educação no sentido de que, durante a sua gestão, haja o trabalho formal do Psicopedagogo enquanto profissional da área da Educação (RUBINTEIN; CASTANHO; NOFFS, 2004, p. 235).

Diante disso, os municípios do estado de São Paulo iniciaram uma revisão de bases acerca dos problemas de dificuldade de aprendizagem nas diferentes escolas e instituições não-escolares que se voltavam para o desenvolvimento da aprendizagem de crianças e jovens.

Com os avanços dados pela pesquisa acadêmica, há de se considerar que, principalmente na região sudeste, houveram bons investimentos na atuação do psicopedagogo nas escolas. Entretanto, a difusão dessa atuação nas demais regiões do Brasil ainda é alvo de preocupações, uma vez que tem se contado com a formação autônoma de professores para a psicopedagogia nas escolas, objetivando que, além de assumirem a docência nas salas de aula, estes possam atuar como psicopedagogos.

Dado o apanhado histórico da psicopedagogia no Brasil, acredita-se que cabe uma reflexão mais específica acerca do papel do psicopedagogo no Brasil, o que é desenvolvido a seguir.

### **Papel do psicopedagogo**

A principal função do psicopedagogo é identificar a problemática e trabalhar de forma efetiva sobre ela, sempre buscando a superação dos obstáculos e proporcionando, em parceria com outros profissionais, o progresso de qualquer sujeito que esteja sendo atendido através de instituições ou clínicas. A multiplicidade de olhares para a educação tem dado ao tratamento das dificuldades de aprendizagem novas roupagens que retiram do professor a total responsabilidade para o trabalho focalizado em tais questões. Dessa maneira, psicólogos, terapeutas e psicopedagogos têm integrado equipes multidisciplinares que observam cuidadosamente a dificuldade e elaboram ações específicas, partindo do princípio de que

Aprendizagem é um processo que envolve vínculos individuais e coletivos que resultam das interações do sujeito com o meio, da ação do cuidador e das articulações entre o saber e o não saber. É um processo permeado, no caso do ser humano, por um clima e um tom socioafetivo, que produz instrumentos para mudar a si e ao mundo e vice-versa. É um movimento que envolve o mundo íntimo, a subjetividade, o desejo e, também, o contexto no qual se dá. É o processo de conhecer, o processo de vida que se dá por articulações possíveis e que amplia os domínios cognitivos para conexões cada vez mais complexas (SERAFINI et al, 2011, p. 51).

A relação entre o coletivo e o individual torna o processo de aprendizagem mais complexo do que se pode pensar ao lidar com teorias pedagógicas em geral. É preciso levar em conta os domínios solicitados para a construção da aprendizagem, o que interdepende da formação do professor, mas, também, de outros profissionais que estão interligados com a educação de alguma forma. Os atendimentos escolares devem ocorrer preferencialmente integrados com outros profissionais, mas, primeiramente, deve-se haver um diagnóstico psicopedagógico do quadro patológico do sujeito para que as futuras ações sejam direcionadas de forma correta.

De posse de quadros patológicos, por exemplo, um assistente social deve visitar a família do aluno para realizar uma espécie de investigação sobre o quadro social enfrentado diariamente pelo o aluno, além da tentativa de identificar suas influências de vida (VISCA, 1987). As influências agregam as situações histórico-sociais dos pais e/ou dos responsáveis, a localização da residência, dentre outros elementos que implicam diretamente o desempenho do sujeito na escola e em outros contextos dos quais integra ativamente. As intervenções junto ao estudante têm o objetivo de facilitar o atendimento e lidar com suas reais necessidades, elevar o aprendizado em componentes curriculares complexos, melhorar a socialização, entre outros benefícios que o discente pode adquirir com a ajuda de um psicopedagogo e sua equipe, considerando que a

Psicopedagogia tem por objeto de estudo a aprendizagem do ser humano que na sua essência é social, emocional e cognitivo - o ser cognoscente, um sujeito que para aprender

pensa, sente e age em uma atmosfera, que ao mesmo tempo é objetiva e subjetiva, individual e coletiva, de sensações e de conhecimentos, de ser e vir a ser, de não saber e de saber. Essa ciência estuda o sujeito na sua singularidade, a partir do seu contexto social e de todas as redes relacionais a que ele consegue pertencer (PORTILHO, 2003, p.125).

Assim, a psicopedagogia, por emergir de uma compreensão de sujeito dotada de ações e reflexões ao ritmo que caminha a vida social, entende que toda atmosfera na qual o sujeito é constituído cotidianamente é movediça. Com isso, todo sujeito pode passar por mudanças espaço-temporais e é por isso que o psicopedagogo é tão relevante para o desenvolvimento do aluno em situações de aprendizagem. Em relação ao desenvolvimento da leitura, por exemplo, existem ações específicas, vinculadas a perspectivas teóricas diversas, como o Behaviorismo, que podem ser testadas para sanar as dificuldades de algum aluno.

Sob essa ótica, Nascimento (2013, p. 7) explica que

A relação dialética entre sujeito e objeto deverá ser construída positivamente para que o processo ensino-aprendizagem seja de maneira saudável e prazerosa. O desenvolvimento de atividades que ampliem a aprendizagem faz-se importante. Através dos jogos e da tecnologia que está ao alcance de todos. Com isso, há a busca da integração dos interesses, raciocínio e informações que fazem com que o aluno atue operativamente nos diferentes níveis de escolaridade.

A reflexão de Nascimento (2013) permite compreender a diversidade de elementos que podem ser explorados na atuação do psicopedagogo em escolas e centros de assistência à população de maneira bastante ampla. Os processos de integração de sujeitos e seus respectivos saberes provocam mudanças nos níveis de aprendizagem, facilitando as abordagens realizadas pelos professores no desenvolvimento de suas funções, pois “a ação psicopedagógica na instituição escolar pode se caracterizar como diagnóstica, de intervenção corretora ou preventiva” (BARBOSA, 2001, p.74). Assim, o psicopedagogo não atua somente quando há problemas, mas, também, como modo de prevenir situações.

Dessa forma, fica evidente que a psicopedagogia atua em diversos âmbitos, entre eles o social, pessoal e o emocional, afirmando e justificando a aprendizagem interna e externa que acontece com o sujeito atendido. Entretanto, o sucesso desse trabalho não depende somente do profissional formado em psicopedagogia. Outros atores também contribuem com o resultado projetado, inclusive o próprio aluno que está no centro do trabalho. O trabalho do psicopedagogo deve ser antes de tudo preventivo e terapêutico, com foco na dificuldade do aluno que é educável e deve contribuir com as atividades propostas. O psicopedagogo deve ir além do âmbito escolar, colocando em questão o contexto familiar e toda a comunidade que cerca o sujeito trabalhado.

A atuação psicopedagógica se dá, na maioria das vezes, por instituições como escolas, que têm um papel fundamental na construção e disseminação do conhecimento, promovendo o desenvolvimento da sociedade, independente de classes. Sobre isso, Bossa (2007, p. 53) afirma que a “psicopedagogia institucional se caracteriza pela própria intencionalidade do trabalho. Atuamos como psicopedagogos na construção do conhecimento do sujeito, que neste momento é a instituição com sua filosofia, valores e ideologia”.

O psicopedagogo tem um papel fundamental no desenvolvimento dos estudantes que apresentam qualquer tipo de dificuldade de aprendizagem, mas é importante ressaltar que diante desse cenário a escola com os recursos que oferece é imprescindível para o progresso dos indivíduos que a frequentam, sem falar que é nesse ambiente que há o primeiro contato dos discentes com os psicopedagogos. Desse modo,

O papel do psicopedagogo escolar é muito importante e pode e deve ser pensando a partir da instituição, a qual cumpre uma importante função social que é socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo, ou seja, através da aprendizagem, o sujeito é inserido, de forma mais organizada no mundo cultural e simbólico que incorpora a sociedade (NASCIMENTO. 2013, p. 6).

É nesse espaço que as primeiras dificuldades de cunho aprendizagem se manifestam. Com isso, os psicopedagogos trabalham para sanar esses problemas, atuando entre aqueles que ensinam e aqueles que aprendem, colocando em questão até mesmo o tipo de ensino e as metodologias utilizados por outros professores, para facilitar o progresso de ambos e assumindo uma função mediadora.

De acordo com Gasparian (1999), a psicopedagogia pode contribuir em vários aspectos em qualquer instituição escolar. Entre eles estão a elaboração de planos de aulas, de Projeto Político Pedagógico (PPP), avaliações, reuniões com pais de alunos, entre outras coisas. Todos esses aspectos têm apenas o objetivo de promover uma educação de qualidade. Diante disso, o próximo tópico de discussão procura refletir sobre as implicações do papel do psicopedagogo nas escolas de educação básica no Brasil. Dessa maneira, pretende-se expandir o objeto de estudo deste artigo de modo a situar os processos reflexivos com olhares para os contextos de ensino e de aprendizagem em diferentes níveis.

### **Um olhar para as escolas brasileiras**

Atualmente, as escolas brasileiras recebem sujeitos pertencentes a várias classes sociais. Junto a eles, alguns questionamentos são formados acerca do que esses sujeitos podem proporcionar em forma de trabalho para os educadores, a saber: como lidar com os novos desafios? Quais caminhos trilhar para uma formação continuada que prepare professores para lidar com problemas que nunca tinham visto antes? Como adequar o currículo frente às mudanças sociais? Além desses questionamentos, muitas outras problemáticas se revelam nas práticas institucionais e pedagógicas que circundam todo e qualquer contexto escolar. Na educação brasileira, repleta de muitos desafios, os sujeitos que compõem a comunidade escolar integram diversos problemas, principalmente na esfera pública que tanto carece de novos olhares.

De acordo com Tostes et al (2016), algumas dificuldades de aprendizagem são encontradas com maior frequência nas escolas brasileiras. Entre elas estão a dislexia, a disgrafia, a disortografia e a discalculia. Todos esses problemas devem ter uma atenção especial e isso requer a mobilização de toda a equipe escolar, em especial a do psicopedagogo, que tem de identificar, diagnosticar e planejar junto com os professores intervenções adequadas que auxiliem os processos de aprendizagem.

Para Santos (2009), muitas das dificuldades encontradas nas escolas atualmente têm um aspecto completamente diferente dos problemas mencionados acima. Grande parte desses problemas é de natureza social, isto é, pelo contexto na qual o discente interage. Dessa forma, fica evidente a importância do psicopedagogo dentro da instituição para identificar o real problema e propor atividades para superá-los. Nessa perspectiva, Tostes et al (2016) destacam que

Talvez a maioria das dificuldades não tenha causas orgânicas e não esteja relacionada às atividades cognitivas da criança, mas seja resultado de problemas educativos ou ambientais. Estratégias de ensino ineficientes podem prejudicar o nível de sucesso das crianças na realização de tarefas, gerando problemas como falta de autoconfiança e efeitos negativos sobre a aprendizagem comprometendo aspectos como a atenção, concentração, memória, coordenação motora e outros (TOSTES et al. 2016, p. 131).

No ano de 2008 foi aprovado o projeto de Lei nº 3.512 que regulamenta a atuação do psicopedagogo dentro das escolas brasileiras. A lei permite que o profissional desenvolva atividades de cunho preventivo e terapêutico. O trabalho é desenvolvido em conjunto com todo o corpo docente da escola, mas sempre que necessário alguns profissionais como assistente social atuam em determinados casos.

É importante exaltar o Art. 4º do inciso I que reforça as atribuições do psicopedagogo, afirmando quais são suas funções dentro de instituições públicas ou privadas. Nessa perspectiva, Brasil (2008, p. 2) compreende que a “intervenção psicopedagógica, visando a solução dos problemas de aprendizagem, tendo por enfoque o indivíduo ou a instituição de ensino público ou privado ou outras instituições onde haja a sistematização do processo de aprendizagem na forma da lei”. A intervenção psicopedagógica, nessa linha de pensamento, só se concretiza como tal se a atitude do psicopedagogo for ética e não invasiva. Não há como se pensar num processo de intervenção sem levar em consideração a necessária reflexão sobre e no contexto educacional ou não. É preciso pensar na aprendizagem como uma construção contínua num movimento contínuo de ressignificação.

Entende-se que o contexto que se tem dentro das escolas brasileiras e as habilidades e apresentam diferentes demandas que podem ser assumidas ou auxiliadas pelo profissional da psicopedagogia. O psicopedagogo deve estar preparado profissionalmente para qualquer situação que venha acontecer durante sua atuação institucional. Portanto, é imprescindível que o profissional de psicopedagogia sempre esteja se atualizando, em uma constante formação continuada.

### **Considerações Finais**

A busca por encaminhamentos reflexivos para as ações do psicopedagogo nas escolas frente às dificuldades de aprendizagem é constante na educação brasileira. A pesquisa acadêmica carece estabelecer espaços para que os discursos sejam problematizados e o papel do psicopedagogo possa ser levado em consideração nos contextos escolares e não-escolares. A união entre as partes que constituem os contextos escolares pode elevar o potencial da função do psicopedagogo, permitindo a expansão de visões sobre as implicações do papel desse importante profissional que pode atuar numa multiplicidade de situações.

Este estudo permitiu alargar ainda mais o conceito que se tinha da psicopedagogia, na qual foi dado maior ênfase a área institucional, tomando como base o cotidiano das escolas brasileiras. A discussão aqui proposta, mesmo que curta em extensão, indica possibilidades de investimento na formação de psicopedagogos e na subdivisão do trabalho efetuado pelo professor e pelo psicopedagogo. A educação brasileira precisa pensar com mais ênfase na formação do psicopedagogo para que não se deixe de contribuir para a formação efetiva de alunos em processos de aprendizagem em qualquer que seja o nível de ensino.

Através do que foi exposto, ficou evidente que o profissional formado em psicopedagogia é essencial dentro dos muros de qualquer instituição, isso porque ele tem capacidade para lidar com vários tipos de problemas que frequentemente surgem no dia a dia das escolas espalhadas por todo território nacional. Todavia, como qualquer outro profissional, o psicopedagogo trabalha em conjunto para que o principal objetivo seja alcançado, que é a superação de todas as dificuldades encontradas. As dificuldades encontradas nos contextos de ensino interdependem das práticas pedagógicas dos professores que, na maioria das vezes, não conseguem lidar com problemas de ordem cognitiva e psicológica autonomamente. Assim, as ações desenvolvidas pelo psicopedagogo precisam estar multidirecionadas ao trabalho do professor. A presença do psicopedagogo da escola é pertinente justamente pelo acompanhamento contínuo necessário no âmbito escolar.

É importante ressaltar que o psicopedagogo deve ter total liberdade para contribuir com novas metodologias, acrescentar na construção de Projeto Político Pedagógico (PPP), orientar os professores acerca de abordagens de ensino que precisem ser efetuadas de outras formas, visando uma aprendizagem mais efetiva e que faça todo o alunado progredir. Entretanto, em qualquer que seja a intervenção, há de se considerar a atuação ética e respeitosa por parte do psicopedagogo. Por essa razão, professores e demais integrantes da comunidade escolar

devem levar em consideração o papel relevante do psicopedagogo para o desenvolvimento progressivo dos alunos em seus contextos de aprendizagem escolar.

Um dos aspectos que deve ser sempre lembrado é o fato de o psicopedagogo poder atuar além da escola, poder investigar o aluno no contexto em que convive para fazer análises adequadas e poder direcionar junto com o corpo docente da escola atividades voltadas às dificuldades encontradas. Nesse processo, a família também desempenha um papel fundamental, colaborando com informações e ajudando na busca pelo progresso do sujeito envolvido. É sob essas premissas que se pode instituir debates sobre as dificuldades de aprendizagem sem que a prática docente seja afetada negativamente, de modo que o papel do psicopedagogo seja inter-relacionado às ações dos professores.

## Referências

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente, 2001.

BRASIL. **Lei nº 3. 512 de 2008**. Disponível em: [http://www.camara.gov.br/proposicoesweb/prop\\_mostraintegra;jsessionid=0e8cb6b7c879dca243192d4f28285456.node1?codteor=575405&filename=avulso+-pl+3512/2008](http://www.camara.gov.br/proposicoesweb/prop_mostraintegra;jsessionid=0e8cb6b7c879dca243192d4f28285456.node1?codteor=575405&filename=avulso+-pl+3512/2008). Acesso em: 16 fev. 2021.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GASPARIAN, M. C. C. **Psicopedagogia institucional**. São Paulo: Psicopedagogia online. 1999.

NASCIMENTO, Fernanda Domingas. **O papel do psicopedagogo na instituição escolar**. Psicólogo. Ed. 03. 2013.

PORTILHO, Evelise Maria Labatut. Conhecer-se para conhecer. In: BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia um portal para inserção social**. Petropolis-RJ: Vozes, 2003, p. 125-131.

RUBINTEIN, Edith; CASTANHO, Marisa Irene; NOFFS, Neide de Aquino. **Rumos da psicopedagogia brasileira**. Rev. Psicopedagogia 2004: 21 (66). 225 – 238.

SANTOS, Denise Moreira. **Como a psicopedagogia pode contribuir no tratamento das crianças autistas**. Rio de Janeiro. 2009.

SANTOS, Nilza Maria. **Problematização das dificuldades de aprendizagem**. Londrina: PDE: 2009.

SERAFINI, A. Z.; PORTILHO, E. M. L. PAROLIN, I. C. H.; BARBOSA, L. M. S.; CARLBERG, S. A aprendizagem: várias perspectivas e um conceito. In: PORTILHO, E. M. L. **Alfabetização aprendizagem e conhecimento na formação docente**. Curitiba: Champagnat, 2011, p. 43-69.

TOSTES, Eliana Aparecida Trevisan; BELLAN, Melissa; GURNHAK, Leo Teodoro; SILVA, Vera Lúcia Massoni Xavier. **Os desafios e processos que o psicopedagogo enfrenta nas escolas do ensino fundamental**. UNAR. São Paulo, p.126-138, 2016.

UJIE, N. T. Psicopedagogia, definição e enquadramento de área: nuances, pontos e contrapontos. In: UJIE, N. T. **Psicopedagogia Clínica & Institucional: nuances, nexos e reflexos**. Curitiba: CRV, 2016. p. 13-22.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica. Epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.